

## **IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas**

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

---

### **Semiótica pra quem não sabe semiótica: uma aplicação nos estudos da forma**

Aléxia Carvalho Brasil, Hortênsia Gadelha Maia, Maisa Vale  
Moreira, Juliana Brito Barbosa, Jéssica Mota do Carmo,  
Amanda Máximo Alexandrino Nogueira, Paulo André Frota  
Cavalcante e Sabine Ramos Cabasson

---

Universidade Federal do Ceará

[alexia.br@mac.com](mailto:alexia.br@mac.com)

Artigo apresentado durante o Simpósio

### **IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas**

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

[www.simposiodesign.com.br](http://www.simposiodesign.com.br)

**Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais**

---

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

## **Semiótica pra quem não sabe semiótica: uma aplicação nos estudos da forma**

### **Autores:**

Aléxia Carvalho Brasil

Hortênsia Gadelha Maia

Maisa Vale Moreira

Juliana Brito Barbosa

Jéssica Mota do Carmo

Amanda Máximo Alexandrino Nogueira

Paulo André Frota Cavalcante

Sabine Ramos Cabasson

### **Resumo:**

Este artigo propõe uma aplicação da Semiótica no ensino e avaliação de princípios do design. Para tanto, parte da definição das categorias peirceanas do signo, e de como elas podem ser percebidas nos objetos. Como estudo de caso, são apresentadas duas versões de um mesmo exercício de composição aplicados em grupos distintos. No primeiro enunciado, são considerados apenas critérios formais, enquanto no segundo há sugestão de significados. Alguns resultados foram discutidos pelo grupo de estudos de Design e Semiótica como forma de aplicação da teoria no ensino e avaliação de princípios do design.

**palavras chave:** design, semiótica, forma, sentido, ensino.

### **Eficiência formal e sentido**

Uma boa forma é assim considerada por atender condições de simplicidade, coerência, facilidade de reconhecimento. Atende, portanto, uma função de economia ou eficiência cognitiva. Assim ensina a Teoria da Gestalt. Abraçada pela Bauhaus e pelo pensamento moderno, a Gestalt é ainda hoje um dos fundamentos para os cursos que tratam da produção de imagens. Esta reflexão se iniciou em sala de aula das disciplinas de Elementos de Programação Visual e Programação Visual no sentido de experimentar outras teorias que pudessem se somar à avaliação dos trabalhos, sobretudo no que tange ao significado.

A inquietação sobre o significado veio da observação de um problema recorrente na avaliação dos exercícios. Era comum que uma imagem, embora bem resolvida formalmente, evocasse sentidos que não eram previstos nem exatamente adequados. As discussões em sala evoluíram para a formação de um grupo de estudos, interessado em investigar como significado poderia também ser considerado na avaliação de eficiência. Este entendimento encontrou eco na produção contemporânea do design onde observamos uma crescente aposta nos apelos mais sensíveis da forma.

Para compreender a diversidade das relações de significado, temos a Semântica, a Semiologia, a Semiótica, todas denominações advindas de SEMEION, signos, em grego (plural de semeia). A Semiologia de Ferdinand Saussure (Sw, 1857-1913) e a Semiótica de Charles Sanders Peirce (EUA, 1839-1914) surgiram quase ao mesmo tempo. A Semiótica de C. S. Peirce se destacou por não se basear na linguagem verbal e por este motivo veio a ser tomada como teoria das mais diversas linguagens, incluindo a linguagem das formas. Assim veio a compor os currículos dos cursos superiores de comunicação, arte, design, e até de arquitetura.

Apesar do destaque que a semiótica peirceana conquistou, Peirce não obteve reconhecimento em vida, deixando sua obra não publicada, mas distribuída em escritos e cartas. Ao propor um novo sistema de pensamento, Peirce criou termos, de forma que não precisasse lançar mão de palavras já existentes. Entretanto, a estratégia que visava não confundir acabou por gerar uma linguagem própria, até hermética, afastando os curiosos dos textos, acessíveis apenas aos iniciados.

Não se faz necessário, em um primeiro momento, tomar todos os aspectos da teoria, mas apenas aqueles que irão contribuir com o argumento que passará a ser ora desenvolvido: a relação de uma forma com uma coisa ou idéia deve também ser considerada na avaliação de sua eficiência. De todo modo, não é possível fugir de todas as palavras, e a palavra chave é SIGNO.

### **Categorias de classificação do signo**

Signo é aquilo que está no lugar de alguma coisa. Para a semiótica peirceana a idéia básica é que nunca se alcança a coisa na sua totalidade pelo entendimento. Alcança-se apenas parte, cada vez mais próxima, porque a mente evolui, mas nunca completa porque o signo é por definição falível, e também porque o objeto se transforma. O que a mente alcança é o signo do objeto.

Já em Kant, tem-se a idéia de que não se acessa a coisa em si, mas sim algo que de alguma forma aparece (fenômeno). Para Peirce, o signo não tem existência material. É uma abstração lógica. É interessante notar que as outras teorias da significação são baseadas em duplas, significante, significado. Peirce propôs uma tríade: objeto, interpretante e signo:

**OBJETO** vem de ‘objectus’: em face, em frente, contra, aquilo que está lançado a sua frente, pode ser uma coisa (concreta), uma idéia (abstrata). Numa relação epistemológica, objeto é aquilo que se quer conhecer.

**INTERPRETANTE** é o sujeito dentro da relação epistemológica, é aquele que quer conhecer, uma mente. A primeira idéia é que o interpretante é uma pessoa, mas pode ser um animal, algo vivo, ou ainda qualquer sistema que possa elaborar signos.

**SIGNO** é o veículo.

A relação entre objeto e interpretante pode ser variada, daí a idéia que há tipos distintos de signos. Um desenho pode comunicar a idéia “mesa”, quase sem educação visual prévia. Já a palavra escrita, necessita de uma série de acordos que vão desde a possibilidade de se representar o som com imagem, até o desenho de fonemas em forma de letras, e determinação de palavras que indicarão cada coisa. Para alguns, o fato do desenho da mesa ser feito a bico de

pena ou carvão, se somará ao entendimento, acrescentando algo. Há ainda a possibilidade de se elaborar um signo similar “mesa”, entrando em uma sala escura e esbarrando em um objeto, na altura da cintura.

Peirce queria entender como as coisas, ou os fenômenos, aparecem à mente. Para ele, as faculdades que devem ser desenvolvidas para tanto, são: capacidade contemplativa; capacidade de distinguir; capacidade de generalizar. E, no intuito de generalizar, chegou a três elementos formais de toda e qualquer experiência: qualidade, relação (ou reação) e representação, assim identificando-as:

1. Firstness (primeiridade) que corresponde aquilo que é primeiro na percepção.
2. Secondness (secundidade) que corresponde ao reativo, aquilo em que se esbarra.
3. Thirdness (terceiridade), que é a síntese intelectual- ou o pensamento em signos.

Vale salientar que as separações se dão, muitas vezes, no campo lógico, mas se confundem na experiência. Não é clara a passagem entre as fronteiras dos tipos de signos elaborados na percepção dos fenômenos. Ainda no campo lógico, cruzando as categorias anteriores: objeto, interpretante e signo, com essas três categorias chega-se a seguinte matriz:

signo em si mesmo    signo com seu objeto    signo com seu interpretante

	<b>signo em si mesmo</b>	<b>signo com seu objeto</b>	<b>signo com seu interpretante</b>
1stness	qualisigno	Ícone	rema
2ndness	sinsigno	Índice	dicente
3rdness	legisigno	símbolo	argumento

O signo em si mesmo, num estado primeiro é qualisigno, e como o nome sugere, é um signo de qualidade. A fugaz experiência de primeiridade, vai se tornando rara a medida em que as coisas tornam-se conhecidas para as mentes. Mas a primeiridade pode nos atingir, quando algo surpreende nossos sentidos, provocando conexões impensáveis, algo como que subtrai o chão. Não se percebe ainda distinção entre o algo e a mente.

O sinsigno é o signo de relação ou reação. Já se percebe um objeto (que pode ser abstrato). Algo é reconhecido pela diferença que há entre aquilo e o sujeito. Há uma separação, a percepção que algo objetiva. Ao retomar seus contornos, o que se percebe, ainda que não nomeado, é algo alheio.

O legisigno é o signo elaborado quando se nomeia, já se vincula aquilo a um geral. O eu embestado na experiência deu lugar a um eu em contato com a coisa até ser possível dizer: tal forma, tal som, tal cor. Ou, pensando numa mente, ocorre reação de forma preestabelecida, conforme um hábito, ou uma lei.

A seqüência qualisigno, sinsigno, legisigno pode não acontecer sempre assim, talvez seja apenas uma linha para explicar de forma didática. Na experiência cotidiana percebem-se sinsignos e legisignos. Entretanto, podem emergir também qualisignos nas artes, pois é oportuno provocar relações de qualidade.

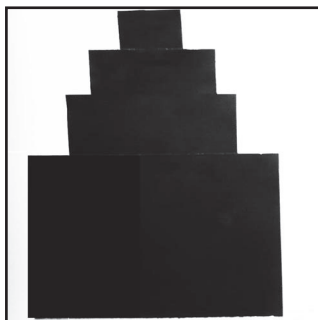
### **Estudo de caso**

Em cursos de Arquitetura ou Design corta-se, risca-se, e atualmente, passam-se muitas horas em frente aos computadores. Trabalha-se muito porque o tipo de ensino se dá, como define Donald Schon, com a reflexão na ação. A questão é propor bons problemas e tentar conduzir o aprendizado, sem respostas prévias. Na ação sempre se aprende, nem que seja uma forma mecânica de realizar uma operação. Se essa ação é acompanhada de uma reflexão, questionamentos, rebatimento nas teorias, então, algum salto pode acontecer. É isso que se procura com a aplicação da Semiótica na relação do ensino-aprendizado concernente aos princípios de composição visual. Os exercícios são experimentados como uma seqüência de passos, como algoritmos. Todavia, os alunos tomarão decisões com liberdade crescente e verifica-se uma variedade de respostas dadas a partir de um mesmo enunciado. O primeiro enunciado é igual para toda a turma.

#### Enunciado 1 (EPV 2010-2)

A aula começa com exercício de composição livre, na qual os alunos recebem uma folha branca e meia folha preta. Pede-se que comecem a subdividir a folha preta na metade e que prossigam subdividindo até conseguirem tamanhos variados. Depois, os participantes são convidados a deslizar os pedaços sobre a folha branca. Finalmente, quando encontrarem a posição em que o conjunto os agrada, devem colar. Depois as composições são colocadas na parede, para observação de todos.

Da observação do primeiro grupo de exercícios, percebem-se padrões de solução: simetrias, progressões, relações figura-fundo, alinhamentos e equilíbrio, que podem ser relacionados com os princípios da Gestalt. Embora não fossem pedidos “conceitos”, aparecem figurações propositalis ou involuntárias. Para entender estes conceitos à luz da Semiótica, o grupo de estudos de Design e Semiótica, escolheu alguns trabalhos para análise. A metodologia aplicada reproduz o modelo proposto por Santaella e Nöeth, em *Estratégias semióticas da publicidade*.



#### **TRABALHO: LUANA GRASSI**

A progressão de tamanhos dos retângulos foi mantida e colocada do maior para o menor, de baixo para cima, de forma centralizada. Percebe-se a simetria da forma central da composição. Em seguida percebe-se a simetria gerada pela forma proposta no fundo branco.

**Aspectos qualitativos-icônicos** - A cor preta (em restrita teoria das cores seria uma não-cor), as formas das partes (retangulares) e a progressão, transmitem uma sensação de peso.

**Aspectos singulares-indiciais** - Na colagem, a materialidade do papel, as marcas dos cortes a sensível sobreposição dos retângulos, são rastros da ação compositiva. Indiciam gestos e decisões. Estas pistas se perdem ao observar a composição de longe ou na sua reprodução.

**Aspectos simbólicos** - Não se identificam símbolos, no entendimento da semiótica peirceana. Considerações - Embora não houvesse uma solicitação de significado, podem ser atribuídos aqueles mais qualitativos na sensação do peso. Interessante notar que, na apreciação dos demais alunos, foi percebido algo como dois perfis, no fundo branco.



TRABALHO: EMILY CATTANI

Os recortes pretos são todos retângulos, variam apenas de tamanho e espessura. Foram dispostos de forma horizontal e vertical. Quando sobrepostos da folha branca, destacam não apenas sua forma, mas fazem surgir outras: linhas brancas delimitadas pelas formas pretas.

**Aspectos qualitativos-icônicos** - Busca-se uma composição agradável. Podemos encontrar um equilíbrio e uma simetria por mais que as formas sejam diferentes. Uma centralidade é formada pela ocorrência de um eixo. Uma pequena base formada por retângulos menores pode provocar estabilidade. O trabalho se restringe ao preto no branco. As cores se destacam, pois são contrárias. Tornam-se luminosas ainda mais, impregnando a forma na memória.

**Aspectos singulares-indiciais** - As cores são chapadas. As formas recortadas são bastante simples, dão idéia de estabilidade e comodidade. Por utilizar formas retangulares e recortes quase infantis, torna-se uma composição bastante regular. Sua organização é o mais interessante, pois ao alinhar as formas pretas podemos perceber outras formas nos vazios formados pelo preto. Passam uma certa calma e estabilidade, a simetria sugerida traz um equilíbrio através dos diferentes pesos e alturas, mas ainda um possível dinamismo.

**Aspectos simbólicos** - Não existem símbolos propostos, mas podemos reconhecer algumas formas. Dois “F”s são formados, um sendo o espelho do outro, porém são diferentes, dessa forma temos um código.



TRABALHO: CHILDERICO JOSÉ

Neste trabalho, observa-se que os quadrados pretos seguem uma gradação de tamanho e estão dispostos de maneira orgânica, sendo uma das únicas composições que contém formas curvas.

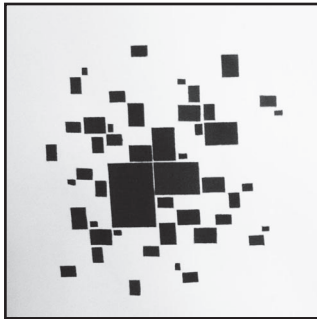
**Aspectos qualitativos-icônicos** - No trabalho, sendo utilizados pedaços de papel da mesma cor, não existe uma diferença de tonalidade que gere, não chamando atenção particular para nenhuma delas – elas apresentam cor uniforme. A textura dos pedaços, por ser completamente opaca e lisa, torna a cor preta predominante. Este fator acaba por realçar as

peças pretas do fundo branco, interpretando-o como uma cor nula, que apenas está ali para gerar uma diferenciação que permita as peças se sobressaírem do fundo.

**Aspectos singulares-indiciais** - A cor chapada ajuda a concentrar a atenção na forma atingida pelo aluno, principalmente quando o trabalho é exposto ao lado de outros trabalhos que acompanham esta estética preto-no-branco. Aqui, a forma orgânica sugere fluidez e sutileza. A gradação de tamanhos e a descentralização no papel sugerem dinamicidade e ritmo.

**Aspectos simbólicos** – Não foram identificados.

Considerações - Observou-se, em discussões internas do grupo, que este trabalho parecia se encaixar até mesmo no Enunciado 2, por sugerir fortemente um conceito, que estaria entre ritmo, música ou harmonia. É importante citar também que alguns alunos viram a forma de um cavalo-marinho na composição.



#### TRABALHO: NAYANNE GUERRA

A aluna utilizou tamanhos variados de peças e disponibilizou-as de forma aparentemente aleatória, distribuindo os papéis sem uniformidade, porém dispondo os maiores no meio, buscando uma centralidade que constitui um núcleo central que vai se expandindo de maneira irregular.

**Aspectos qualitativo- icônicos** - Nesta composição, a aluna utilizou-se de uma única forma retangular, dispondo-a de diversos tamanhos, posições e distâncias entre si, porém sempre mantendo sua proporção. Além disso, percebe-se a concentração das maiores peças no centro da composição, o que atrai o olhar do observador, principalmente para este ponto.

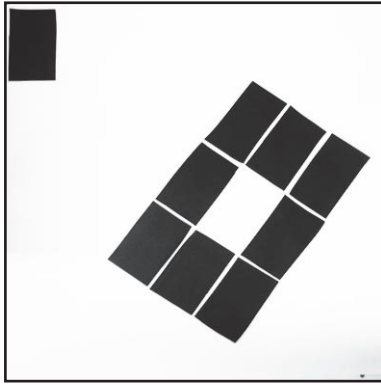
**Aspectos singulares-indiciais** - De imediato, apropria-se de uma idéia de movimento, que tanto pode ser no sentido do centro para as bordas como o contrário, ou ainda de dentro para fora do papel. Apesar da área branca ser maior que a preta, ela se limita a função de plano de fundo, o que proporciona uma maior leveza ao trabalho. À medida que o observador se distancia da imagem, esta leveza ainda pode ser percebida, contudo, os limites entre as peças passam a não serem tão definidos e estas aparentam ser mais próximas, perdendo a idéia de dinamicidade.

No semestre seguinte, o enunciado foi modificado para dar ênfase no aspecto do sentido.

Enunciado 2 (EPV 2011-1):

Nesta segunda fase, elaboram-se padrões a partir de conceitos previamente estabelecidos. Os conceitos propostos foram: arcos, força, loucura, igualdade, diferença, calma, música, exílio, perdido, monotonia, festa, equilíbrio, ritmo, sonho, momento, repetição, liberdade, leve, carnaval, afeto, proteção, conflito, estático, caos, equilíbrio, complexidade, felicidade.

Depois as composições também foram colocadas na parede, para observação de todos. Então começou o jogo de tentar deduzir quais eram os conceitos geradores. O significado passou a ser considerado na avaliação da eficiência.



#### TRABALHO: FRANCISCO EDSON MACEDO

Os mesmos materiais foram utilizados, também foi feita a mesma proposta de recorte. Dessa vez, houve uma maior liberdade ao posicionar os retângulos pretos. As cores se destacam, os cheios e vazios ficam mais evidentes.

**Aspectos qualitativos-icônicos** - A composição, dessa vez, traz algo mais que uma boa

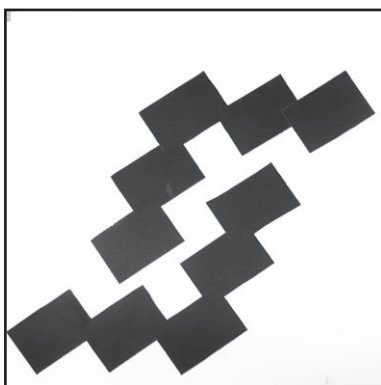
composição, parece querer representar algo. Os retângulos aparecem nos extremos, um retângulo formado de outros re-

tângulos aparece na parte inferior direita, enquanto um pequeno retângulo central falta para completar essa forma. Este pode ser aquele que se encontra distante na parte superior esquerda. Uma instabilidade da forma à direita é também sugerida. Os mesmos materiais foram usados. O destaque comum da composição preto no branco acontece aqui também. Os recortes são retângulos, mas o que chama mais atenção é sua disposição inclinada.

**Aspectos singulares-indiciais** - Uma instabilidade aparece nessa composição, uma angústia também surge por faltar um pequeno retângulo para completá-la. Além disso, o elemento que falta, para finalmente completar a forma e talvez para acabar com a desconfortável instabilidade se encontra no canto superior e distante, talvez de impossível alcance.

**Aspectos simbólicos** - Perdido. Conceito que foi dado previamente para a elaboração dessa composição. Agora, muito mais do que a busca por uma forma bela e confortável, a preocupação maior é a de representar com os recortes e a superfície branca esse conceito. Aliado aos cheios e vazios produzidos pelos elementos disponíveis, os alunos deveriam de alguma forma transmitir tal mensagem.

#### TRABALHO: FRANCISCA BRUNA VIANA



Nesta composição, foram formadas duas figuras compostas por cinco retângulos menores. Estes pedaços menores são conectados por sobreposição.

**Aspectos qualitativos-icônicos** - Aqui, como analisado na composição anterior, o branco atua como fundo e o preto como figura. De maneira geral, a cor continua uniforme e a textura opaca.

**Aspectos singulares-indiciais** - A composição é formada por duas figuras que se encaixam, parecendo se proteger mutuamente. A simetria entre elas sugere igualdade, um não é mais forte ou fraco do que o outro e ambos se cuidam.

**Aspectos simbólicos** - Esta idéia de proteção representa o conceito de um sentimento, mas que pode ser observado de maneiras diferentes. De perto, as figuras não remetem à forma humana, comunicando o conceito pela proximidade entre elas, a concavidade que é sugerida, o encaixe.



De longe, muitas pessoas apontaram as formas como parecidas com duas pessoas se abraçando, ou dançando juntas.



#### TRABALHO: RENAN MARINHO

Diferente do que foi proposto, o aluno se utilizou de triângulos de diversos tamanhos e angulações, dispostos de forma inclinada. Dois dos vários triângulos possuem maior dimensão e os outros complementam a composição.

**Aspectos qualitativos-icônicos** – O aluno utilizou os triângulos por considerar esta forma geométrica mais adequada ao conceito de sua composição. As maiores estão situadas nas áreas inferior e superior e as menores apenas na parte superior. Os triângulos não estão ordenados de maneira rigorosa e não possuem simetria.

**Aspectos singulares-indiciais** - A diferença de tamanhos dá uma idéia de democracia, tolerância com as disparidades, como numa festa, em que todos tem suas particularidades. A forma triangular sugere ação, inquietação, o desequilíbrio sugere movimento.

Considerações - Não se chega a uma forma já conhecida, porém as duas maiores formas lembram uma exclamação que remete a alegria, empolgação e é possível que o observador identifique os pequenos triângulos como confetes.

#### **Referências Bibliográficas:**

DONDIS, D. A. (1997) Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes.

Santaella, L.(2003) O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense.

Santaella, L. , Nöeth, W. (2010) Estratégias semióticas da publicidade.São Paulo:Cengage Learning

Schon, D. (2000) Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed.